

O designer, ele tem que... pra realizar as ideias dele, ele tem que tá muito consciente, tem que ter um conhecimento técnico profundo, tanto de produto quanto das técnicas de desenvolvimento e tem que lidar com a escultura do automóvel, com a forma do automóvel, mas sempre levando em consideração todos os processos industriais [...]”.

Na percepção de D3, a formação deficitária, em termos de conhecimento técnico aprofundado, prejudica os designers e seu poder de negociação dentro da empresa, permitindo que outros profissionais intervenham e desempenhem este papel. Para o participante, quanto mais amplo o conhecimento do designer, maiores serão suas chances de negociar, gerenciar conflitos e atender aos requisitos solicitados pelas demais áreas.

Cabe destacar que a gestão do design varia dentro das empresas, mas o aspecto interdisciplinar da profissão acompanha a prática e por vezes mantém tênues as linhas que separam as competências de cada área em relação ao projeto, prejudicando o campo do Design, como ressalta Escorel [9]:

“Nos casos em que estão em jogo interesses financeiros importantes e um público muito extenso, por exemplo, o desejo do cliente e das instâncias que costumam falar por ele, como as agências de publicidade e especialistas em marketing, podem interferir de forma decisiva no processo, nem sempre direcionando a solução para sua melhor alternativa no plano do projeto. Quando isso ocorre, o designer passa de parceiro a mero executante de decisões com as quais pode, inclusive, não estar identificado. Essa situação é muito comum no Brasil onde o design ainda não conseguiu definir seu campo com nitidez. Sendo assim, acabam por ditar as normas e atividades mais solidamente plantadas no mercado, também ligadas ao universo da comunicação entre as empresas, seus produtos e os públicos a que se dirigem”.

Os problemas decorrentes da confusão e desorganização no processo de Pesquisa e Desenvolvimento dos produtos em relação à atuação interdisciplinar do Design residem, entre outros fatores, também na falha de comunicação entre as diferentes áreas.

Este fator influencia inclusive a percepção dos profissionais das diversas áreas sobre quais suas reais competências e o papel de sua intervenção dentro dos projetos, como destacado pelas falas dos participantes.

Neste cenário, torna-se imperativo aos designers encontrar os meios adequados de se fazer compreender de maneira eficiente, gerenciando conflitos e visando conquistar o devido espaço bem como o respeito dos demais profissionais provenientes das áreas com as quais interage no decorrer do projeto, fortalecendo o próprio campo do design como consequência.

Cabe também às diretorias e estúdios, realizarem um diagnóstico sobre a quão adequada tem se mostrado a atual abordagem interdisciplinar no estabelecimento das necessárias inter-relações e interdependências entre as diversas áreas no desenvolvimento do produto carro, o qual envolve grande número de profissionais com as mais variadas competências a serem aplicadas nos diferentes níveis da produção.

Nesse sentido, a tentativa de implantação de uma prática transdisciplinar – embora difícil de ser visualizada na estrutura corporativa atual – configura uma alternativa interessante a ser considerada. Nicolescu [10] apresenta de maneira sintética, no seu Manifesto da Transdisciplinaridade, as diferenças entre as abordagens:

“A necessidade indispensável de laços entre as diferentes disciplinas traduziu-se pelo surgimento, na metade do século XX, da pluridisciplinaridade e da interdisciplinaridade. A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo [...] A interdisciplinaridade tem uma ambição diferente daquela da pluridisciplinaridade. Ela diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra [...] A transdisciplinaridade, como o prefixo 'trans' indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento”.